

POR UMA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA FRONTEIRA-SUL: exterioridades¹

*PARA UNA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DE FRONTEIRA-SUL:
exterioridades*

*FOR A PEDAGOGICAL GRAMMAR FROM FRONTEIRA-SUL:
exteriorities*

Edgar César Nolasco²

Resumo

Com a proposta do trabalho objetiva-se discutir conceitualmente uma gramática pedagógica da exterioridade fronteiriça-Sul, tendo por ilustração da discussão a narrativa memorialística do escritor mineiro Silviano Santiago. Quando se pensa em uma gramática pedagógica acerca do lócus fronteira-Sul, entende-se, grosso modo, por uma epistemologia da exterioridade que regida por um método específico. Sobressai daí uma pedagogia descolonial cuja opção propõe uma desobediência epistêmica com relação à epistemologia moderna. Nesse sentido, o modo como o projeto do intelectual Silviano dialoga com a tradição literária brasileira ilustra, pelo avesso, a proposta da desobediência epistêmica descolonial. A relevância maior da proposta centra-se quando se pontua que tal visada crítica é pouco explorada criticamente. O que tem motivado tal discussão são as produções que vimos arrolando em torno da rubrica de Crítica biográfica fronteiriça, a qual, somada à crítica biográfica e aos estudos descoloniais, constituem a fundamentação epistemológica da proposta.

Palavras-Chave: Exterioridade; Fronteira-Sul; pedagogia descolonial; Crítica biográfica fronteiriça; Silviano Santiago.

Resumen

Con el propósito del trabajo, el objetivo es discutir conceptualmente una gramática pedagógica de la exterioridad de la frontera sur, teniendo como ilustración la discusión la narrativa conmemorativa del escritor de Minas Gerais Silviano Santiago. Cuando se piensa en una gramática pedagógica sobre el locus de la frontera sur, se entiende, más o menos, por una epistemología de la exterioridad que se rige por un método específico. De esto, surge una pedagogía descolonial cuya opción propone una desobediencia epistémica en relación con la epistemología moderna. En este sentido, la forma en que el proyecto del intelectual Silviano dialoga con la tradición literaria brasileña ilustra, de adentro hacia afuera, la propuesta de la desobediencia epistémica descolonial. La mayor relevancia de la propuesta se centra cuando se señala que tal crítica es poco explorada críticamente. Lo que ha motivado esta discusión son las producciones que hemos estado enumerando en torno a la rúbrica de la crítica biográfica fronteriza, que, sumadas a la crítica biográfica y los estudios descoloniales, constituyen la base epistemológica de la propuesta.

Palabras clave: Exterioridad; Fronterasur; pedagogíadescolonial; Críticabiográficafronteriza; Silviano Santiago.

Abstract

¹Artigo apresentado no I Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2020.

²Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atualmente é professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação nível Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

With the purpose of the work, the objective is to conceptually discuss a pedagogical grammar of the South-frontier exteriority, having as illustration the discussion the memorialistic narrative of the writer from Minas Gerais Silvano Santiago. When one thinks of a pedagogical grammar about the South-frontier locus, it is understood, roughly, by an epistemology of exteriority that is governed by a specific method. From this, a decolonial pedagogy emerges, whose option proposes an epistemic disobedience in relation to modern epistemology. In this sense, the way in which the intellectual Silvano's project dialogues with the Brazilian literary tradition illustrates, from the inside out, the proposal of decolonial epistemic disobedience. The greater relevance of the proposal is centered when it is pointed out that such a criticism is little explored critically. What has motivated this discussion are the productions that we have been listing around the rubric of frontier biographical criticism, which, added to biographical criticism and decolonial studies, constitute the epistemological foundation of the proposal.

Keywords: Exteriority; South-Frontier; decolonial pedagogy; Frontier biographical criticism; Silvano Santiago.

1. Gramática expositiva da fronteira

O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano perguntou: Conhece fazer canoa pessoa? _ Periga Albano saber. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mais ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim pareceu tão sábio o Chamã dos Guatós quanto Sapir. (BARROS, 2013, s/p.)

Faço uma alusão direta ao título do livro de Manoel de Barros, *Gramática expositiva do chão* (1999). Já o que é menos óbvio, ou claro, para mim ainda é minha intenção: pensar em e a partir de uma gramática da fronteira-sul, tendo por base o que Walter Mignolo (2010) entende por uma “gramática da descolonialidade”. Antes, porém, de me deter no que postula o crítico pós-colonial, volto-me para a gramática do poeta, visando pontuar e contornar a imagem ou paisagem de um corpo-fronteira que se delineia no verso, e o faço lembrando do que ele mesmo afirma acerca da palavrinha por mim sequestrada em meu título: “O chão é um ensino.” (BARROS, 2013, p.170) Assim, uma gramática expositiva do chão, ou uma gramática expositiva da fronteira enseja o ensino, a aprendizagem de uma gramática pedagógica da fronteira-sul, como assinala o título deste ensaio. Dando um salto na discussão que proponho, lembro apenas que o primeiro passo dado em direção a uma gramática da fronteira (“descolonialidad” para MIGNOLO) seria “aprender a desaprender, para poder asíre-aprender.” (MIGNOLO, 2010, p.98) Nessa direção, pensar numa gramática expositiva do ensino descolonial faz todo sentido. Mas depois volto a isso.

Em sua *Gramática expositiva do chão* (1999), Manoel arrola alguns versos ou passagens, melhor seria talvez paisagens, que a seu modo podem servir para contornar a imagem do que aqui quero chamar de fronteira-sul. Ao comentar uma tela, afirma que “o artista recolhe neste quadro seus companheiros pobres de chão”, e em um contexto no qual

“tudo muito manchado de pobreza.”(BARROS, 1999, p.112) Para mais adiante concluir de forma admirável: “o poeta é promíscuo dos bichos, dos vegetais, das pedras. Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas. Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs.” (BARROS, 1999, p. 126-127) Sem ainda adentrar a questão, a gramática da fronteira vai se apoiar nas mesmas contaminações: “como funciona a descolonização epistêmica? Qual é/será sua gramática (quer dizer, seu vocabulário, sintaxe e semântica)?(MIGNOLO, 2010, p. 93) Assim como o poeta promíscuo e sua gramática do chão, o divíduo duo bipolar e sua gramática da fronteira estão contaminados pelo outro, pelo “aliado hospitaleiro”.³

Respondendo a uma pergunta de como entender sua poesia-gramática, o poeta responde: “Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito.” (BARROS, 1999, p. 163.) Ressalvados os propósitos, entendo que se desenham aí também os dois caminhos que nos levariam a uma aproximação, ou porta de entrada, para a formulação e compreensão de uma gramática pedagógica fronteiriça: o caminho das *sensibilidades biográficas* (o corpo do divíduo fronteiriço, o aliado hospitaleiro, o sulista, o andariego, o pantaneiro, o bugre, o boliviano, o pantaneiro, o sul-mato-grossense fronteiriços), que constituem a *corpopolítica*, e o das *sensibilidades locais* (a fronteira-sul epistemológica), que constituem a *geopolítica*. Nesse desejo de uma entrada para uma discussão acerca da fundação de uma gramática fronteiriça, tanto a corpopolítica quanto a geopolítica são dois mecanismos conceituais essenciais para uma teorização que aprofunde ampliando a guinada de base descolonial/fronteiriça(MIGNOLO, 2010). Por falar em caminhos, lembro aqui de que Mignolo se vale do conto borgesiano “O jardim de caminhos que se bifurcam” e aproxima a gramática borgesiana dos caminhos e mundos possíveis à gramática da descolonialidade, afastando-a, por sua vez, da gramática da modernidade, a qual está presa ao caminho único da retórica da modernidade. Em “O jardim de caminhos que se bifurcam”, segundo a leitura de Mignolo, uma vez selecionado um dos três cursos de ação, o segundo e o terceiro caminho não selecionados se tornam reais em tantos *mundos possíveis*. Nesse mundo borgesiano se pode eleger o caminho 1, por exemplo, o da modernidade, *sabendo que existem as possibilidades 2 e 3*. Enquanto que na história da modernidade, ainda segundo Mignolo, “não

³ “E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro pólo duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente.” (PESSANHA, 2018, p. 71.) Tratei especificamente sobre isso em meu texto “Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas” (2018)

há outra alternativa e caminhar esse caminho único significa entrar na lógica da colonialidade”(MIGNOLO, 2010, p.75-77). Observa o autor que “infelizmente, a auto-definição de modernidade não segue a lógica dos mundos possíveis, e implica a lógica da colonialidade para poder avançar pelo caminho prometido.”(MIGNOLO, 2010, p.77). E conclui estabelecendo a comparação a qual nos referimos acima: “a gramática borgesiana dos mundos possíveis é equivalente à gramática da descolonialidade: isso nos leva a um pluri-verso à descolonização do ser e do saber [conhecimento], ao qual Borges contribuiu no campo da filosofia e da literatura.”(MIGNOLO, 2010, p. 77). EA descolonização “del ser y del saber” a que se refere Mignolo situa a lógica da gramática fronteira e do pensamento descolonial mostrando-nos que toda discussão que contemple a política da gramática fronteira vem assentada na consciência de “ser donde se piensa”- no caso, a partir da fronteira-sul - ao invés de “saber que se existe porque se piensa”, como defendeu a lógica moderna do “penso, logo existo” que sustentou toda a retórica da modernidade(MIGNOLO, 2010, p. 93).

Depois de ter contornado a paisagem da fronteira-sul, que pode ser especularmente refletida nas imagens metafóricas “do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo” (SANTOS, 2010, p. 53) e pelo “el lado oscuro de lamodernidad”(MIGNOLO, 2010, p. 34), volto-me,então, para o lado sombrio e pós-abissal, esquecido, vilipendiado pelo poder do estado e da nação, pelo poder do discurso moderno e das instituições atozes da fronteira-sul,e o faço a partir da metáfora da arraia devidamente exposta no chão pelo poeta Manoel de Barros em seu texto “Agroval”.Esse lado *afuera* (MIGNOLO, 2010), este lado “do outro lado da linha” (SANTOS, 2010), esse lado do “espaciofronterizo” (MIGNOLO, 2010),corresponde, conceitualmente,ao que depois vamos trabalhar como *exterioridade*. E justifica-se deter-se nesse conceito uma vez que uma gramática pedagógica da fronteira-sul é uma gramática da *exterioridade*, de tudo aquilo que não foi contemplado pela razão, lógica ou retórica da gramática impositiva moderna. Começo pelo neologismo criado pelo próprio poeta, a palavra “Agroval” que dá título ao seu texto, e que encontra um primeiro sentido na epígrafe aposta ao texto:“...onde pululam vermes de animais e plantas e subjaz um erotismo criador genésico.”(BARROS, 2013,p.21) Ao criar a palavra (agro + al), o poeta “atribui-lhe o sentido de ‘um lugar que cultiva ou cria vida’, no caso de *agroval de vermes*, o ‘lugar que cria ou cultiva vermes’”.

Ao tomar aqui a arraia como uma metáfora da fronteira-sul, ou melhor, talvez, como um espaço fronteiro, quero entender a fronteira como um lugar que *cria e preza a vida*

(MIGNOLO) das pessoas, dos seres e da natureza, tal qual uma *ecologia dos saberes*, como propõe magistralmente Boaventura de Sousa Santos. Se a arraia simboliza o lugar que *cria* vidas (e que ao mesmo tempo é criada/alimentada por essas outras vidas), *iguais na diferença*, a fronteira metaforiza o lugar fronteiriço que cria vidas *semelhantes na diferença* (MIGNOLO). Depois de escolher um lugar e se enterrar e de ficar um tempo ali adernada, instaura-se um *agroval* de espécies sob o corpo da arraia: “Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de númen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja”(BARROS, 2013, p.21). Do mesmo modo, pensar a fronteira-sul enquanto um espaço fronteiriço é tomá-la como uma *exterioridade* com relação aos centros desenvolvidos, com relação ao pensamento moderno, com relação às teorias itinerantes que migram para as bordas, com relação ao discurso moderno disciplinar, entre outros. Ressalvadas todas as diferenças aqui entre a arraia e a fronteira-sul lembramos que — assim como *habitar a arraia* faz toda a diferença para a vida daqueles que dela dependem — todos aqueles indivíduos que habitam ou que passam a *habitar a fronteira* trazem sua diferença inscrita em seu *corpo fronteiriço*. De acordo com Mignolo, “ao habitar a fronteira, nossos horizontes de expectativas e espaços de experiência não são mais os das nações imperiais, embora tenhamos domicílio (número e rua, telefone, carteira de motorista) em nações imperiais”.(MIGNOLO, 2010, p. 120). Nesse espaço fronteiriço encontram-se, em relação desigual de poder, o conhecimento e as histórias locais e as subjetividades presentes no pensamento e no discurso modernos, a exploração do trabalho pelos latifundiários e a luta pela terra pelos indígenas, a autoridade do estado e suas instituições atroz e as formas de viver a vida que prezam a vida e, contrapondo-se ao modelo econômico ocidental que impera no mundo capitalista, as línguas locais, as memórias subalternas, as crenças e o princípio de saberes outros que escapa ao conhecimento moderno.(MIGNOLO, 2010, p.120) Instaurado o *agroval* depois de a arraia paralisar-se em algum lugar do pântano ressequido, forma-se debaixo dela a “miniatura de um brejo”, em cujo mundo em miniatura, ou lugar vivo, ocorre uma *troca de favores, um mutualismo, um amparo entre as espécies*, corpos e rascunhos de vida que encenam uma gramática animal daquele grande útero da mãe natureza (arraia). Já quanto aos indivíduos que habitam a fronteira, esses precisam saber que o que os diferencia, antes de mais, é sua consciência fronteiriça, talvez mesmo para saber e para enfrentar que o espaço fronteiriço em que habita, a “terceira opção” ou “terceiro mundo” não foi necessariamente inventado por pessoas desse locus fronteiriço, mas geralmente por “homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo”. (MIGNOLO, 2017, p.19) Nessa direção, Mignolo nos adverte que “o espanhol e o

português [as línguas]da América do Sul têm a mesma *gramática* que Espanha e Portugal respectivamente; mas os corpos que as falam habitam memórias diferentes, e, sobretudo, diferentes concepções e ‘sensibilidade’ de mundo.”(MIGNOLO, 2017, p.20) E tais corpos, por meio de sua consciência fronteiriça, acabam pondo em funcionamento uma gramática da fronteira eivada de suas sensibilidades biográficas e locais, de sua “sensibilidade de mundo” ao invés de “visão de mundo” (tão ao gosto da epistemologia ocidental), com sua opção pela prática da descolonização das regras e dos corpos e sua desobediência sem limites da gramática das *humanitas* (MIGNOLO). A constatação feita por Mignolo, e sumamente importante para uma leitura de base descolonial, de que os corpos que falam as línguas imperiais habitam memórias diferentes e têm outras concepções e sensibilidades do mundo é mais bem compreendida por outro comentário do autor acerca da condição daquele que *habita a fronteira*. Para ele, “habitar a diferença colonial é diferente de habitar o discurso que a produz, mesmo que se tenha uma atitude crítica (na interioridade) desse discurso”. (MIGNOLO, 2011, p. 52)

Habitar a fronteira é correlato a habitar a diferença colonial, uma vez que a *fronteira é a morada da diferença colonial*. Entendo ser essa diferença, essa barra existente e que separa a fronteira e a *interioridade* que permite àquele que não é da fronteira se aproximar dessa *exterioridade*, mesmo sabendo de antemão que nunca poderá falar por esse *anthropos*. Não por acaso, Mignolo reitera que “la frontera, en otras palabras, está en la barra que separa y une modernidad/colonialidad.”(MIGNOLO, 2010, p.121). A saída epistemológica para quem se encontra e ou habita esse espaço fronteiriço é tomar o caminho do *desprendimento*, da *opção descolonial* da *desobediência epistêmica*(MIGNOLO). Para uma gramática expositiva da fronteira, assim como para uma gramática da descolonialidade como quer Mignolo, *o pensamento fronteiriço é a condição necessária para pensar descolonialmente*, mesmo quando escrevemos, como é o meu caso, em línguas modernas e imperiais como a portuguesa, mas nesse caso, e devemos ter essa consciência (fronteiriça), *escrevemos com e a partir de nossos corpos engastados na fronteira*.(MIGNOLO, 2017, p.21)

Na sequência do texto de Manoel de Barros, ao descrever o que vai acontecendo por debaixo da arraia, o poeta reconhece que “há indícios de ínfimas sociedades”, que também “há os germes das primeiras ideias de uma convivência”, para concluir que “ao cabo de três meses de trocas e infusões”, a Arraia, depois que “seu corpo deu sangue e bebeu”, “vai levantar-se”, resultando daquele mundo em miniatura “a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza”.(BARROS, 2013,

p.23). Essa genealogia agrovaldescrita de forma expositiva pelo poeta em sua poética/ensino do chão pode metaforizar nesse contexto a genealogia do pensamento fronteiriço que sustenta a gramática expositiva da fronteira, especificamente no tocante às opções de *desprendimento*, *pensamento fronteiriço* e *desobediência epistêmica*, das quais tratarei a seguir. Aqui, e visando aproveitar a imagem da arraia enquanto um lugar de origem dos vermes (e que cultiva a vida dos animais), valho-me tão somente do conceito de “sociogênese” introduzido por Fanon e desenvolvido por Mignolo em “Desafios decoloniais hoje”. Depois de afirmar que a ideia de “sociogênese” incorpora o desprendimento, o pensamento fronteiriço e a desobediência epistêmica, Mignolo se detém propriamente no conceito. Começa pontuando que o conceito se abre para uma gramática da descolonialidade e se pergunta como funciona essa gramática. Nessa direção, afirma:

A sociogênese é um conceito que não se baseia na lógica da de-notação [...], mas na lógica da enunciação e da classificação que tem o privilégio de classificar e, assim, decretar o racismo epistêmico (seres menos racionais) e ontológico (seres humanamente inferiores): é ontologicamente inferior e, portanto, também o é epistemicamente; é inferior epistemicamente e, portanto, também o é ontologicamente. (MIGNOLO, 2017, p.23)

Amarrando a “sociogênese” ao pensamento fronteiriço, ao desprendimento e à desobediência epistêmica, Mignolo conclui que: (1) das experiências como a sociogenética emerge a epistemologia fronteiriça ao mesmo tempo em que tal experiência a sustenta, e que a (2) “sociogênese é um conceito que permite nos desprender precisamente das regras e conteúdos do ocidentalismo epistêmico.” Quero entender que essas duas afirmações do autor endossam sobremaneira a proposta de uma *gramática expositiva da fronteira*, sobretudo no sentido de romper com a razão da gramática moderna e com a ordem do discurso moderno. O corrolário desse endosso ocorre quando Mignolo nos lembra que ao Fanon desprender-se, ele se compromete com a desobediência epistêmica, uma vez que “não há outra maneira de saber, fazer e ser descolonialmente, senão mediante um compromisso com a desobediência epistêmica”. (MIGNOLO, 2017, p.23)

De alguma forma retomando tudo o que se disse até aqui, parece ficar mais claro que a gramática expositiva da fronteira não partilha da separação sujeito X objeto que moldou a razão da gramática moderna ocidental. Retomo as discussões feitas por Pessanha acerca da relação entre “o íntimo e o êxtimo”. (PESSANHA, 2019, p.110), e sem perder de vista a imagem/paisagem da arraia enquanto um “aliado hospitaleiro” que desbarata a relação dual entre sujeito-objeto. Em sua *natureza da intimidade*, ao tratar da relação do “ser-um-no-outro”, ou do “dois em um”, Pessanha afirma que tal relação fala de “uma relação específica

em que crio alguma coisa na mesma medida em que sou criado pela coisa que crio”.(PESSANHA, 2019, p.110)Essa passagem que mostra a junção entre sujeito-objeto que, por sua vez, alimenta a razão outra (“razão pós-ocidental” para Mignolo) da gramática expositiva da fronteira encontra ilustração máxima na figura da arraia e seu lugar, além de todos aqueles que a habitam e são, por conseguinte, habitados por ela: a arraia, enquanto um aliado hospitaleiro, hospeda sob seu corpo-útero todos os “agrovais” que migram para “dentro” dela, havendo, desse modo, a constituição de um único corpo fronteiroço/descolonial, uma vez que um corpo (da arraia) cria o outro corpo (dos insetos) e vice-versa.Tal relação de intimidade põe por terra a retórica dualista da modernidade presidida pela gramática separatista entre, por exemplo, sujeito-predicado e sujeito-objeto. É isso que leva Pessanha a afirmar que “a gramática sujeito-objeto, herdeira da metafísica grega da substância, impede que se nomeie o espaço íntimo”.(PESSANHA, 2019, p.110). O espaço íntimo aqui não está para o rol das subjetividades trabalhadas e privilegiadas pelo pensamento moderno, assim como não estaria para o “penso, logo existo” do método cartesiano que regeu toda a retórica e lógica da gramática da modernidade. Ressalvadas as diferenças, o espaço íntimo aqui estaria para o espaço fronteiroço, ou seja, aquele *afora* que é criado a partir do *adentro*.

Pensando na imagem da arraia, sou levado a afirmar que a arraia em si estaria para o “íntimo”, enquanto o agroval de insetos estaria para o “êxtimo”. Nessa relação de intimidade, o êxtimo significa o que há de mais íntimo, mais próximo, mais singular, mas que se encontra fora, na *exterioridade*. Ou seja, um *afuera* que não existiria sem o *adentro*, o íntimo, no caso o corpo hospitaleiro da arraia depositado em um lugar específico. Nessa direção, podemos entender a gramática da fronteira não como uma gramática impregnada de subjetividades, mas, sim, de intimidades, de sensibilidades, de “sêmen e de pólen”, de “trocas e infusões”, como se lê no texto “Agroval” de Barros.Na relação consubjetiva estabelecida entre a arraia e a maçonaria de insetos constitui um mundo paralelo da intimidade, de acordo com o que propõe o autor de *Recusa do não-lugar* (2018). Nessa relação íntima, se o originário, o primeiro, no caso a arraia, *é pensado sempre como uma teoria dos pares*, então não há antecedência da arraia sobre o agroval e vice-versa, uma vez que ambos os corpos existem em simultaneidade. As vidas que são geradas debaixo do corpo da arraia fundam esse próprio corpo que as alimentam e é alimentado por elas. “Ninguém existe antes de seu animador”, afirma Pessanha. Ao querer pensar aqui a relação sujeito-objeto, estou me propondo a pensar também na relação entre interioridade e exterioridade, pensar a partir do espaço fronteiroço no qual me encontro e penso. No bojo da discussão, a arraia metaforiza o próprio “aliado

hospitaleiro” na medida em que ela constrói/propõe uma “interioridade [que] é o resultado de *expropriações apropriadoras*, ou seja, ela hospeda o agroval de insetos para melhor desalojá-lo no tempo certo da chuvarada. O espaço fronteiriço, incluindo aí sua gramática consubjetiva da intimidade, também partilha dessa ação de desapossamento apropriador uma vez que rechaça definitivamente a separação sujeito/objeto para fundar sua gramática da fronteira. De acordo com Pessanha, “pensar a intimidade é pensar a área dessas ações e adentrar nesse tráfego de gestos incorporadores: a intimidade, essa imersão abissal no mais próximo, constitui uma região vedada a todos aqueles que permanecem reféns da linguagem sujeito/objeto.”(PESSANHA, 2019, p.112) A discussão aqui não está presidida pela gramática da razão, nem pela lógica do pensamento moderno e nem muito menos pela retórica do discurso eurocêntrico; mas, antes, pela desgramática impura da fronteira atravessada por suas intimidades, suas sensibilidades, sua biografia, e cuja epistemologia fronteiriça do “dois-em-um ou o ser-um-no-outro” parte da *exterioridade* do dentro. Mais uma vez, aqui, esta passagem de Pessanha lembra o movimento da arraia: “quem se desloca pelos espaços íntimos é capaz de nomear o tráfego e a orgia dos gestos incorporadores e a imersão abissal no próximo. Ora, a linguagem sujeito/objeto falsifica o campo das dualidades arcaicas”. (PESSANHA, 2019, p.74) Talvez o que eu esteja querendo pensar aqui a partir da discussão feita por Pessanha seja a questão do corpo e do *bios*, ou do *bios* e do corpo, como presenças fundamentais para o espaço fronteiriço e, por conseguinte, para a constituição de uma gramática expositiva da fronteira. Como me referi há pouco sobre a arraia como um “aliado hospitaleiro”, vale a pena reproduzir aqui o que Pessanha entende pela rubrica:

Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.(PESSANHA, 2019, p.71)

Se a fronteira está na barra (/) que separa e uni modernidade e colonialidade, deste lado da linha e do outro lado da linha, dentro e fora, na relação entre interioridade e *exterioridade*, um *afuera* que se cria no processo de criar o *adentro*, então o espaço-biográfico-fronteiriço (como a arraia mais o agroval) metaforiza esse lugar hospitaleiro de uma intercorporeidade consubjetiva, posto que os corpos (de dentro e de fora, de cá e de lá) se roçam entre si (como acontece em qualquer condição de fronteira), permitindo, assim, que se instaure uma gramática expositiva da fronteira a partir desse lugar dividual exterior da barra, e cuja gramática fronteiriça proíbe, definitivamente, mas do que o mero uso da palavra

“objeto”, sequer o *infans* de um pensamento assentado na relação sujeito-objeto, pensar-existir, pensamento-natureza, corpo-mente etc, afinal “é sempre no duo que se decide o um”..(PESSANHA, 2019, p.74)

2. Aprender a desaprender para poder reaprender com o sul: uma epistemologia da gramática fronteiriça

Aprender a desaprender para poder reaprender com o sul alude diretamente a pelo menos três textos, os quais, cada um a seu modo, ajudam-me a aproximar mais do que aqui venho chamando de gramática expositiva da fronteira. A título de mera ilustração da discussão aqui proposta, retomo o contexto no qual aparece cada uma das três passagens ou expressões, nesta ordem: 1) “aprender a desaprender, para poder asíre-aprender”; 2) “um aprender com o Sul”; 3) e “*aprender a desaprender*”. A primeira passagem é de Walter Mignolo e aparece inserida exatamente na parte intitulada “Prolegómeno a uma gramática deladescolonialidad” na qual o autor discute acerca de uma gramática da descolonialidade. Trata, por conseguinte, dacorpo-política e da geopolítica, conceitos estes os quais vou tratar depois, passando pela pergunta de como funciona uma descolonização epistêmica e qual seria sua gramática, para concluir que advém da discussão proposta uma *teoria crítica descolonial*, uma vez que centro dessa discussão teórica e crítica descolonial tanto *a geografia quanto a história da razão não podem mais ser monotópicas*. E adverte-nos Mignolo que o primeiro passo a ser dado para uma gramática da descolonialidade seria “aprender a desaprender, para poder asíre-aprender.(MIGNOLO, 2010, p. 98)

Visto o primeiro passo para o que aqui estou chamando de uma gramática da fronteira, passemos agora ao contexto da segunda expressão “aprender com o sul.” Trata-se, na verdade, de parte de uma afirmação de Boaventura de Sousa Santos a qual vale a pena ser transcrita na íntegra: “O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul”.(SANTOS, 2010, p.53), essa passagem de Boaventura aparece no momento em que ele discute acerca do “Pensamento pós-abissal como um pensamento

ecológico”.(SANTOS, 2010, p.53). Para o autor, o pensamento pós-abissal “envolve uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação”(SANTOS, 2010, p.53) e se encontra do *outro lado da linha*, ou da fronteira, como forma de se contrapor com o pensamento abissal que se encontra *deste lado da linha*.

Adverte-nos o autor da importância de “situarmos a nossa perspectiva epistemológica na experiência do outro lado da linha, isto é, do Sul global não-imperial, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo”(SANTOS, 2010, p.53). Enfim, por tudo o que o autor afirma no contexto de sua discussão aqui destacada sobressai a importância de nos voltarmos para uma gramática expositiva da fronteira, sobretudo quando observamos que o autor constata que se aprende com o Sul valendo-nos de uma “epistemologia do Sul” ou “epistemologia fronteiriça, como partilham Mignolo e Anzaldúa. Em todo caso, devo pontuar que a razão outra de uma gramática de fronteira somente é possível de ser articulada a partir dessa epistemologia do Sul que se borda da *exterioridade* da retórica da modernidade e da lógica da colonialidade. Vejamos, agora, a terceira expressão “*aprender a desaprender*”, assim mesmo, grafada em itálico, conforme aparece no texto *Desobediência epistêmica*, e como a primeira expressão esta também é de Walter Mignolo. Argumenta o autor a favor da opção descolonial como *desobediência epistêmica*, vindo a afirmar que a opção descolonial é epistêmica por se *desvincular dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento*. E termina por concluir que a opção descolonial significa *aprender a desaprender*, já que “nossos cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial”.(MIGNOLO, 2010, p. 290)

Aprender a desaprender, nesse contexto, significa aprender a desaprender a lógica racional da gramática moderna para poder apreender,oure-aprender, a gramática da fronteira que se articula a partir do pensamento descolonial. É nesse sentido que o pensamento descolonial para o autor também é um “fazer descolonial”, “já que a distinção moderna entre

teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento de fronteira e nos projetos descoloniais”.(MIGNOLO, 2010, p. 291)Com base no que se disse até aqui, o título acima “aprender a desaprender para poder reaprender com o Sul”significa e implica uma opção descolonial epistemológica que emerge da *exterioridade* da gramática moderna advinda do grego e do latim e, ao invés de assentada em conceitos modernos e na ideia de acumulação de conhecimento (MIGNOLO), se quer antes como um *fazer duo descolonial* no qual não há mais sequer a ideia de “objeto”.

Se o primeiro passo para adentrar a gramática expositiva da fronteira dá-se por meio da ação/opção descolonial de desobedecer epistemicamente, então devemos nos voltar para a questão da geopolítica e da corpo-política, uma vez que são elas que permitem aquela desobediência que emerge com força das *exterioridades* do pensamento e da gramática modernos. De acordo com a leitura descolonial de Mignolo, os conceitos de geopolítica e de corpo-política se contrapõem aos conceitos hegemônicos modernos de teopolítica e de egopolítica. Enquanto esses reforçaram a ideia cartesiana de que se *sabia que se existia porque se pensava*, aqueles dois conceitos descoloniais reforçam a ideia de que *se é de onde se pensa*(MIGNOLO, 2010, p. 283). Tal inversão pontua a necessidade de descolonizar as almas e as mentes dos indivíduos presos à subjetividade moderna, bem como, por extensão, a teoria, a crítica e o discurso modernos. Devemos entender a geopolítica, ou melhor, a fronteira-sul como uma perspectiva epistemológica subalterna (fronteiriça) capaz de subverter a retórica da modernidade e a lógica da colonialidade. É dessa geopolítica epistêmica que se articula a lógica do pensamento crítico fronteiriço que vai, por sua vez, estruturar o que aqui estamos chamando de gramática expositiva da fronteira. Nessa direção, Mignolo, em seu texto “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade,” ao tratar da configuração da epistemologia ocidental (moderna), constata que

[...] a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e dos

desejos epistêmicos foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação à razão. (MIGNOLO, 2017, p.6)

Daí podermos afirmar que o modo de pensar da gramática expositiva da fronteira com seu fazer descolonial dá-se a partir, sobretudo, da inserção do *bios* dos indivíduos envolvidos na ação, da presença mesma de seu corpo, como condição *sinequa non* para uma gramática epistêmica fronteira pensada das fronteiras do sistema colonial. Logo, uma gramática da fronteira, o pensamento descolonial e as opções descoloniais “são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade.”(MIGNOLO, 2017, p.6).

A gramática expositiva da fronteira visa superar essa lógica da colonialidade por meio de uma desgramática da razão, por meio de uma guinada da razão, ou uma reviravolta descolonial. Como afirma Mignolo, *El vuelco de la razón*(2011) “es el momento global de toma de conciencia de formas de ser, creer, pensar,hacer,sentir que provienende las historias locales de cada uno y cada una de nosotras y de nosotros”.(MIGNOLO, 2011, s/p).Aprendemos com críticos pós-coloniais como Dussel, Mignolo e Santos que essa guinada da razão, ou geopolítica da razão, advém do Sul e não do Norte. Mas não se tratando, bem entendido, de um Sul meramente geográfico, mas um Sul geopolítico, refletido na “metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo”. (SANTOS, 2010, p.53) Considerando que a geopolítica (do conhecimento) tem a ver com a fronteira e o respectivo espaço fronteiro, lembramos aqui, como postula Mignolo, que “o limite da filosofia ocidental é a fronteira sobre a qual a diferença colonial surge, tornando visível a variedade de histórias locais que o pensamento ocidental, tanto à direita quanto à esquerda, ocultou e suprimiu”.(MIGNOLO, 2011, p. 31)

Não é a toa, nem por acaso que a geopolítica do conhecimento vai privilegiar as “histórias locais” como forma, inclusive, de as contrapô-las aos projetos globais que resistem e persistem, sobretudo por meio do que comumente chamamos de globalização, dentro de

uma prática colonial que reina nas fronteiras do mundo globalizado. Exatamente por isso que a geopolítica do conhecimento se volta, especificamente, para os lugares geoistóricos e sua relação direta com o pensamento fronteiriço que o representa. É nessa direção que o autor de *El vuelco de La razón*(2011) conclui *que não há lugar para universais abstratos*:“a única universalidade possível nessa abordagem é aceitar que não há lugares geoistoricamente e corporalmente privilegiados além dos lugares e corpos imperiais”. (MIGNOLO, 2011, p.31). Ao tratar do desprendimento operacionalizado pela geopolítica do conhecimento, Mignolo reitera que não há epistemologia que *não seja a-geoistórica e nem muito menos desincorporada*. Grafo essa afirmação por entender que ela reitera a importância que aqui venho dando à presença do biográfico (defendido pela Crítica biográfica fronteiriça) e da intercorporeidade (PESSANHA) ao longo da discussão. Ou seja, a presença do *bios* e do *lócus*, principalmente quando atravessados pelas sensibilidades locais e biográficas, é determinante para a fundação epistemológica da gramática expositiva da fronteira. Nesse sentido, podemos dizer que cabe à epistemologia da geopolítica e da corpo-política articular-se a partir da presença dos corpos de todos os envolvidos na ação, ou opção descolonial, ou melhor, no ato de desobedecer epistemicamente quando se tratar do discurso ou do pensamento modernos. Vale a pena reiterar que a epistemologia que sustenta a gramática expositiva da fronteira, diferentemente da epistemologia moderna, está devidamente assentada em um lugar geobioistórico, a partir de onde ocorre uma intercorporeidade entre todos os corpos dos aliados hospitaleiros que *sentem, pensam e estão*. Sobre essa relação entre o indivíduo fronteiriço e o saber da epistemologia geopolítica, Mignolo afirma que:

A suposição básica é que o conhecedor é sempre corporal e geopoliticamente envolvido no conhecido, embora a epistemologia moderna (*hybris* do ponto zero) tenha conseguido cobrir ambas as dimensões e criar a figura do observador imparcial, um buscador de verdades e objetividades neutras, que ao mesmo tempo controla as regras disciplinares e se situa (ele ou ela) em uma posição privilegiada para avaliar e definir.(MIGNOLO, 2011, p. 158.)

Foi por meio da presença da geo+bios+histórico do corpo fronteiriço, ancorado na borda da *exterioridade*, que a epistemologia geopolítica do Terceiro mundo lançou uma resposta epistemológica ao Primeiro mundo, “revelando o privilégio epistêmico do Primeiro mundo.” (MIGNOLO. 2011, p. 166). A Gramática expositiva da fronteira, ancorada na discussão presidida pela geopolítica e pela corpo-política, e privilegiando uma discussão que passa pelos conceitos de “pensamento fronteiriço”, “desprendimento” e “desobediência epistêmica”, além de rechaçar aquela epistemologia moderna com todos seus privilégios de primeiro mundo, assegura o direito de existência de uma epistemologia que emirja das fronteiras (Sul) da *exterioridade* do mundo globalizado.

Apesar de já estar tratando também da corpo-política conceitualmente, uma vez que geopolítica e corpo-política são indistinguíveis, pelo menos para a epistemologia que sustenta a gramática expositiva da fronteira, detenho-me, a partir de agora, mais um pouco sobre sua conceituação. E o faço repetindo e reiterando que tanto a geopolítica quanto a corpo-política distinguem-se radicalmente da teopolítica e da egopolítica, especificamente pelo fato de estas terem separado corpo e alma (Téo), corpo e mente (ego), como constata Mignolo. Aliás, não é demais repetir que foi o corpo que ficou no esquecimento da epistemologia moderna. Por isso, aqui, quero trazer duas discussões que me parecem essenciais para uma maior e melhor compreensão pelo que devemos entender conceitualmente por corpo-política. A primeira gira em torno da diferença básica entre “corpo-política” (MIGNOLO, GROSGOUEL) e “biopolítica” (FOUCAULT) feita por Walter Mignolo. Já a segunda, e para mim um desdobramento da primeira, é a reinserção do corpo, ou melhor, ainda, do *bios* do indivíduo pensante na discussão, visando desfazer o “Penso, logo existo” moderno, pela saída descolonial que o intelectual fronteiriço faz ao corpo: “Ô meu corpo, façade mim um homem que sempre pergunta”. (FANON, 2008, p. 191). É nesse sentido que Mignolo nos lembra que a “corpopolítica é uma epistemologia que se separa do ‘penso, logo existo’ e afirma que ‘se é

onde um pensa.” (MIGNOLO, 2010, p. 17). No contexto, Mignolo também afirma que a corpopolítica “é a resposta à biopolítica por meio da qual os estados inventaram instrumentos de controle os quais foram analisados por Foucault”. (MIGNOLO, 2010, p. 17). Em seu livro **El vuelco de La razón** (2011), Mignolo volta a afirmar que a corpo-política é o lado sombrio e a metade faltante da biopolítica (MIGNOLO, 2011, p. 179) e justifica sua afirmação:

a corpo-política descreve as tecnologias decoloniais aplicadas aos corpos que percebem que eram considerados menos humanos, no momento em que tomaram consciência de que o ato mesmo sendo descrito como menos humanos era uma consideração desumana. (MIGNOLO, 2011, p. 179.)

Mas é somente em *Habitar La frontera* (2015), livro mais recente, que o autor pontua a distinção entre ambas:

A biopolítica é uma análise pós-moderna do controle de corpos implementado na construção da ideia de modernidade; corpopolítica, por sua parte, refere-se à outra metade da equação: aquela feita por corpos que não são controlados pela biopolítica. A corpopolítica é um conceito decolonial; a biopolítica é um conceito pós-moderno. (MIGNOLO, 2015, p.147)

Enquanto um conceito descolonial, a corpo-política trata, grosso modo, daqueles corpos que foram simplesmente ignorados pelo pensamento moderno, que os converteram na chave de um corpo inexistente, logo, portanto, um corpo “outro” relegado à exterioridade. Nessa direção, a corpo-política vai contrapor à figura do corpo humanizado, logo “bestializado e civilizado”, o corpo bárbaro, incivilizado, “naturalizado”, inexistente por meio da mirada do olhar imperial moderno que não o viu do outro lado da fronteira como um “anthropos”. De acordo com Mignolo:

A corpo-política é um componente fundamental do pensamento descolonial, do fazer descolonial e da opção decolonial, ao revelar, primeiramente, as táticas da epistemologia imperial de afirmar-se a si mesma na *humanitas* do primeiro mundo desenvolvido e, por outro, de empreender a criação de saberes decoloniais que respondam às necessidades dos *anthropos* do mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento. (MIGNOLO, 2015, p.147)

Se a corpo-política reside do lado escuro da modernidade ou do pensamento moderno ocidental ou, como o prefiro, do outro lado da fronteira, então somente aproximamo-nos mais devidamente dos corpos outros epistêmicos se nos valermos da epistemologia fronteira do

pensamento descolonial, do fazer descolonial que resulta na teorização e na opção descolonial por meio da qual se instaura a desobediência epistêmica que move a reflexão inicial de base descolonial. De acordo com o que defende Mignolo em “Desafios decoloniais hoje” de que só pensamos descolonialmente por meio do pensamento e da epistemologia fronteiriços, então devemos lembrar que isso se torna possível porque pensamos a partir da consciência de que nosso *corpo está situado na fronteira*. Um corpo epistêmico desobediente que pensa descolonialmente a partir da fronteira, habitando-a e escutando as histórias locais e ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, confrontando-as com os projetos globais ou as teorias itinerantes (inclusive sobre o corpo) que teimam em sobrepor nos lugares dos *anthropos* sua visada crítica e teórica da *humanitas*. Não é demais lembrar aqui, na esteira de Mignolo, que o pensamento fronteiriço emerge da *exterioridade* “dos corpos espremidos entre as línguas imperiais e aquelas línguas e categorias de pensamento negadas e expulsas da casa do conhecimento imperial.” (MIGNOLO, 2017, p.12).

Referências

BARROS, M. de. *Poesia reunida*. São Paulo: Leyia, 2013.

BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 1996.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MIGNOLO, W. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antologia 1999-2014) Espanha: Ediciones Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Del Signo, 2011.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>. Acesso em: 03 Fevereiro 2020.

PESSANHA, J. G. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SPIRONELLI, S. C. Vocabulário de Manoel de Barros: questões estilísticas. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc079.htm?/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc079.htm>. Acesso 03 Fevereiro 2020.